

49 segundos

Desce? Não, sobe. Ela entrou rápido, apesar de a idade denotar que os joelhos dobravam menos que a agilidade mental que a decisão exigia. Apertou o número 12. Pediu desculpas duas vezes, por não ter visto o sinal luminoso fora do elevador indicando o sentido, sobe ou desce, e de ter nos incomodado com a pergunta. O jovem que havia lhe dado a resposta, retrucou. *Não tem de que.* E nem tirou os olhos do smartphone, aumentando a velocidade dos dedos enormes no teclado, em que respondia um WhatsApp. Vestia uma camiseta tão colorida e tão longa que me perguntei se era desligado ou havia se admirado no espelho e se achado um ‘tipo’, antes de sair do apartamento. Desceu apressado no quarto andar. Voltei a refletir sobre a velhice e imaginei que ela pedia desculpas, porque os mais idosos ficam muito preocupados em não demonstrar dependência. Teria pedido se tivesse 20 anos? Rapidamente meus pensamentos mudaram de foco e olhei para os pés do senhor que estava ao lado, com o intuito de não deixá-lo perceber que era notório o esforço dele de encolher a enorme barriga num elevador tão cheio. Tem algo mais constrangedor que não nos conhecermos e estarmos todos quase nos relando naquele cubículo? Ele não engraxa o sapato há meses, mas borrifou tanto colônia pós-barba que o ar começa a ficar sufocante. Volto meu olhar para ela, a velhinha, e fico, de novo, a me perguntar se deveria avisá-la que o cadarço do tênis do pé direito está desamarrado. Não adianta avisar, ela não teria como abaixar para dar o laço, tal é o aperto em que estamos. Somos seis pessoas tentando ardentemente chegar cada um ao seu andar, mas o elevador para em todos os pisos, apenas para que aqueles que o aguardam, apertando insistentemente o botão, constatem que ele está cheio. São 8h30 e se uns sobem, após o café da manhã para fechar a mala, outros já estão descendo com ela, apressados para fechar a conta e ganhar o mundo da rua. O senhor perfumado desce no 6º. andar e o alívio de não ter que disfarçar que percebo o quão incomodado ele estava com aquela barriga enorme é quase tão grande como a alegria de me livrar daquela fragrância excessivamente forte e doce. Somente com a saída dele, vejo a mulher baixinha que estava escondida atrás daquele corpanzil e me ponho a supor que o alívio dela foi maior que o meu. Como alguém pode vestir um sapato com estampa de oncinha, mas vermelho, vestindo uma túnica amarela, ornada no decote com lantejoulas cor de caramelo? Ela parecia feliz com seu traje e concluo que ser elegante é sempre um ponto de vista e depende de qual é o grupo e os valores, a partir dos quais se olha para o estilo adotado. Ela buscava, em vão, esconder as duas frutas que havia retirado do balcão do café da manhã e que levava disfarçadamente enroladas num guardanapo de papel de tamanho insuficiente para esconder o pequeno delito. Voltei os olhos para o sapato oncinha vermelho e verifiquei que, nas laterais, ainda era adornado por uma fivela dourada. Comecei a imaginar a figura que teria desenhado aquele modelo antes dele entrar na linha de produção industrial. Teria feito a tarefa a contragosto, apenas para atender as expectativas do nicho de mercado da indústria para a qual trabalhava? Ou será que era uma bicha tão louca que se imaginava a si mesmo(a) vestindo aquela maravilha de modelito ao sair para a *night*? O rapaz

vestido com a camisa ajustada, bem passada e o cabelo cheio de gel, com um visual tão pasteurizado que não o havia notado (agora entendo para que servem a camiseta espalhafatosa e os sapatos oncinha vermelho) desce no 7º andar, junto com a senhora baixinha e a jovem que estava atrás de mim e eu nem tinha podido ainda ver quem era. A porta do elevador se fecha, ficamos eu e a senhora e achei que avisar a ela sobre o cadarço já não fazia sentido. Pensei na sua solidão, porque sei que, naquele hotel, alguns idosos moram nos últimos andares e resolvi puxar conversa. *A Senhora mora aqui no hotel?* Ela respondeu em tom seco. *Eu moro no Brasil.* Achei que ela não tinha escutado bem minha pergunta, melhorei a performance do meu sorriso e retomei a indagação. *Sim, mas aqui no hotel?* Agora ela respondeu rispidamente. *A senhora não tem nada a ver com onde eu moro. Isso não lhe interessa e não deveria me fazer esta pergunta.* Pedi desculpas, extremamente sem graça e fiquei imaginando que amigos ou parentes devem martelar no ouvido dela: *Não responda perguntas de estranhos, nunca diga seu endereço, cuidado com quem puxa conversa.* Imediatamente fiquei aborrecida com o fato de que ela continuou a balbuciar alguma coisa e disse no meio da frase a palavra ‘intrusiva’ e refiz minha hipótese inicial, deduzindo que ela era mesmo muito mal humorada. Olhei para o visor digital do elevador, posicionado acima da porta e vi que, além dos andares, ele trazia logo abaixo o número de segundos que a viagem estava consumindo – 41 segundos. Fiquei aborrecida de ver que ainda estávamos no 10º andar e torci para chegar logo ao 11º. Quando a porta se abriu, falei um bom dia trivial, despedindo-me da velhinha, sem ter podido decifrá-la ou sem ter, com meu gesto, amenizado a solidão que supus que lhe acompanhava e ganhei a liberdade do corredor silencioso. Estava feliz da vida de não ter mais que fazer meu pensamento correr daqui para ali, apenas para preencher aquele interminável tempo em que permaneci fechada, sem poder escolher com quem quero dividir a viagem. Por que este texto foi feito sem parágrafos, sem travessões, sem pontos finais? Porque foi assim que meu pensamento correu de uma bobagem a outra, nesta sequência de pequenas coisas que fazem o tempo cotidiano da vida humana, tudo isso durante o ínfimo interregno em que fiquei dentro do elevador, entre o térreo e o 11º andar. Como apontava o visor, no momento em que deixei aquele espaço insólito, haviam se passado, sem interrupção do vaguear da imaginação, 49 segundos.

Carminha Beltrão

5 de maio de 2016